

JOAQUIM FONSECA, FUNDADOR DA "RÁDIO MAIS PORTUGUESA"

A voz amiga de quem não tem companhia

quem é quem Crítico em relação às rádios locais, Joaquim Fonseca é, no entanto, o fundador da mais ouvida emissora regional: a Rádio Clube de Monsanto. Aproveitando a altitude privilegiada da "aldeia mais portuguesa", o ex-professor de Educação Física seguiu a "explosão" de rádios do pós-25 de Abril para perpetuar um sonho de juventude: fazer rádio. Passados 40 anos atrás dos microfones, Joaquim Fonseca assume-se como a voz amiga de gente que, diz, "apenas tem a Rádio Monsanto como companhia".

Fátima Lopes Cardoso

Que probabilidades é que a Rádio Clube de Monsanto tem de acompanhar a evolução dos dias de hoje?

Ao contrário do que está a acontecer com o actual presidente da Câmara de Idanha-a-Nova, o anterior executivo nunca mostrou vontade em apoiar-nos. Mas julgo que, dentro dos parâmetros legais, agora vamos receber ajuda da autarquia para criar uma delegação maior em Idanha.

Espero é que a resposta da Secretaria de Estado da Comunicação Social não seja condicionada pela contenção financeira que o Governo está a impor ao País em todos os sectores.

Como é que nasceu a ideia de criar uma rádio numa aldeia tão distante de tudo?

São as contingências da vida. Faço rádio há cerca de 40 anos, desde os meus tempos de estudante na cidade da Guarda, onde emprestei 15 anos da minha melhor mocidade à Rádio Alitude. Depois, estive dois anos e meio na Emissora de Timor.

Quando regresssei a Portugal, retomei a minha actividade na Alitude, entre 1971 a 1974. Só que, entretanto, fui colocado como professor efectivo na Escola Secundária de Penamacor. Casei em Monsanto e acabei por fixar raízes aqui. Com muita pena minha, tive de interromper a tal actividade radiofónica: o meu grande sonho de juventude. Confrontado com a explosão das rádios em 1975, pensei, juntamente com outra estação amadora, a Real Serra, em instalar uma rádio em Monsanto. Em primeiro, porque era a "aldeia mais portuguesa" e, depois, tinha uma situação privilegiada com cerca de 800 e tal metros de altitude, oferecendo a possibilidade de uma cobertura geográfica muito vasta. Construimos artesanalmente o emissor e, em 1985,



"Abrangemos um leque muito variado de gostos e as pessoas sentem vaidade em ouvir música da sua terra"

pusemos a rádio a funcionar, em regime experimental, sempre com música portuguesa.

Como é que as pessoas receberam o projecto?

Criou-se uma expectativa muito grande porque, nessa altura, não se dava muita divulgação à música portuguesa. A maioria das rádios locais desenvolvia projectos de natureza mais pessoal. Transmitia-se a música que era do agrado de quem fazia a rádio e não de quem a ouvia. Propusemos fazer, exactamente, a trans-

missão de música nacional, a divulgação dos nossos valores tradicionais. Considero um paradoxo, estarmos em Portugal e defendermos a música estrangeira. A Rádio Clube de Monsanto funciona como um contraponto em relação às outras emissoras locais, que se deveriam empenhar na defesa dos nossos valores.

O que é que a Rádio trouxe de bom para Monsanto?

Monsanto já tinha a legenda de "aldeia mais portuguesa", exaltada nos livros de Fernando Namor-

ra ou nos filmes que foram cá realizados, mas a Rádio Clube veio complementar e ampliar essa divulgação. Gostaríamos que Monsanto não ficasse apenas pela fama, mas que também tivesse o proveito. Ao fazermos uma cobertura que vai de Castelo Branco, Portalegre, Guarda até à Extremadura espanhola estamos a levar o nosso Monsanto a todas essas paragens longínquas.

Qual é o segredo torna a emissora a mais ouvida no distrito?

Nós transmitimos 24 horas por dia, privilegiando 80 por cento da música portuguesa, nas suas diversas vertentes, desde o fado de Coimbra, à música tradicional folclórica. Mas também a de outros povos que têm uma afinidade muito grande com o nosso. Abrangemos um leque muito variado de gostos e as pessoas sentem vaidade em ouvir a música da sua terra.

E também é uma arma de combate à solidão?

Esta rádio tem a companhia única da muita gente que só tem a Rádio Clube de Monsanto como companhia. É com muito orgulho que sabemos que um pastor no seu campo tem um rádio sintonizado no nosso emissor. Assim como um professor do liceu está no seu gabinete de trabalho a ouvirmos. É um pastor iletrado e é um professor licenciado. Depois, são as viúvas, os idosos que nos contactam com frequência a dizer que gostam de passar os serões connosco. Essas pessoas são a razão da nossa existência. Somos, efectivamente, um atenuador da sua solidão.

Não receia que daqui a, por exemplo, 30 anos a Rádio Monsanto desapareça por falta de sucessores?

É, precisamente, para evitar que isso aconteça que vamos mudar para Idanha-a-Nova. Lá teremos mais possibilidades de continuarmos o nosso trabalho, atraindo jovens da região para o projecto.